

## A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA OBRA DOM CASMURRO

Wilma Marliene Silva Fernandes<sup>1</sup> (AC – wilma\_marliene22@hotmail.com), Rosângela do Nascimento Costa<sup>1</sup>(PO)

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Sudoeste – Sede Quirinópolis. Avenida Brasil, nº 435, Conjunto Hélio Leão, CEP: 75860-000, Quirinópolis, Goiás.

**Resumo:** O objetivo desta pesquisa é debater sobre o feminino, relacionado a questões sócio-históricoculturais, representado pela personagem Capitu do livro *Dom Casmurro*, do escritor Machado de Assis, na perceptiva da mulher do século XXI. O problema que norteia esta pesquisa é: qual a condição da mulher em sociedade, no período da obra e na contemporaneidade, em que ela pode ser julgada moralmente somente pela questão feminina? Para responder ao questionamento desta pesquisa, temos a hipótese que a condição do gênero feminino em sociedade, a partir dos preconceitos como patriarcalismo e machismo, são determinantes para que o ser feminino seja analisado como mítico, isto é, a um imaginário sobre a mulher, podendo então ser julgada pelo sistema moral dominado por homens, culturalmente aceito por muito tempo na história e que afeta também os próprios dominadores. Os métodos escolhidos para realização desse trabalho foram o descritivo e o bibliográfico, o primeiro por respaldar um estudo ou conhecimento já existente e o segundo por permitir a coleta de dados e informações em textos preexistentes de caráter científico, que nessa pesquisa são os fragmentos da obra e de estudo de pesquisadores como Cândido (1995), Mary Del Priori (1988 e 2017) Michelle Perrot (2005 e 2017), Pedro (2005), Butler (2009) e Beauvoir (2009). Conclui-se, portanto, que o feminismo representado na obra não é tão somente sobre o roubo de narrativa que do enfoque no julgamento moral da mulher, mas sim, sobre como um homem pode distorcer, dar ambiguidade, dissimular, recontar, recortar, expulsar uma mulher do centro das atenções, mesmo estando a todo tempo, falando sobre ela, querendo imputar nela uma culpa tão sua e somente sua. Ainda pode-se acrescentar, como tudo isso são preceitos construídos por pensadoras feministas, décadas depois da escritura desse clássico.

**Palavras-chave:** Feminino. Dom Casmurro. Machismo. Dominadores.

### Introdução

Machado de Assis, apesar de ser um escrito do século XIX e XX, se faz sempre atual por trazer em seus romances visões e questões sociais pertinentes a forma pela qual os sentimentos humanos são valorizados, questionados, julgados e colocados como certezas, principalmente no que tange ao homem. Na obra *Dom Casmurro*, o julgamento moral é o principal intuito, esse julgar está ligado ao feminino como transgressor, sendo a personagem Capitu levada ao banco dos réus, acusada, sentenciada e condenado por adultério.

Mesmo existindo várias pesquisas destinadas a compreender esse julgamento moral presente na obra, o que nos interessa nesta pesquisa não é provar que Capitu é inocente ou culpada, ou seja, não haverá um inquirimento moral a personagem, mas sim, um questionamento da condição da mulher poder ser julgada moralmente somente pela questão de gênero.

O problema norteia essa pesquisa é qual a condição da mulher em sociedade, no período da obra e na contemporaneidade, em que ela pode ser julgada moralmente somente pela questão feminina? Para responder ao questionamento desta pesquisa, foi formulado como hipótese que a condição do gênero feminino em sociedade, a partir dos preconceitos como patriarcalismo e, machismo, são determinantes para que o ser feminino seja analisado como místico, isto é, a um imaginário sobre a mulher, podendo então ser julgada pelo sistema moral dominado por homens, culturalmente aceito por muito tempo na história e que afeta também aos próprios dominadores.

O objetivo desta pesquisa é o debate histórico-cultural-social do feminino, representado pela personagem Capitu do livro *Dom Casmurro* do escritor Machado de Assis, na perceptiva da mulher do século XXI. Desse objetivo geral, desdobram-se os específicos que são: a) compreender a história das mulheres no Brasil e as questões de gênero, principalmente o feminino para além da visão patriarcal; b) avaliar a contemporaneidade da personagem Capitu; c) analisar o sistema de julgamento moral na qual a mulher está sujeita ontem e hoje; e d) Questionar a condição da masculinidade na sociedade, a partir dos estudos feministas que revelaram as marcas da sociedade patriarcal nos homens e mulheres.

Nesse sentido, a escolha por essa personagem justifica pelas características femininas notadas durante a leitura de *Dom Casmurro*, Capitu é uma mulher de personalidade, inteligente e sedutora que consegue se sobressair de situações degradantes vivenciadas pelo ser feminino, somente pela condição masculinizada da sociedade. Nesse sentido, examina-se até que ponto a mulher está sujeita a um sistema moral de julgamento, partindo de uma visão mais contemporânea, analisando os contrapontos entre feminino e masculino que prejudica a ambos os gêneros.

### Considerações Metodológicas

Os métodos escolhidos para realização desta pesquisa foram o descritivo e o bibliográfico, o primeiro por respaldar um estudo ou conhecimento já existente e o segundo por permitir a coleta de dados e informações em textos preexistentes de caráter científico, que neste trabalho são os fragmentos da obra e de estudo de pesquisadores como Cândido (1995), Mary Del Priori (1988 e 2017) Michelle Perrot (2005 e 2017), Pedro (2005), Butler (2009) e Beauvoir (2009).

## Resultados e Discussão

A obra Dom Casmurro traz a perspectiva de uma mulher bem delineada, o masculino, narra, representa e julga o feminino. Para tanto, faz uso de elementos narrativos como a ironia, a frieza, a distância e ambiguidade são utilizados de forma que envolve o leitor na história, e acaba por focar no julgamento feminino. Esses elementos narrativos utilizados por Assis, motiva o leitor na sua participação, essa participação é essencial para que o desenrolar da história foque na mulher como anjo ou monstro.

Nesse sentido, é preciso compreender como Bentinho caracteriza Capitu, para entender então, como essa mulher é tão atual quanto imaginária de uma sociedade masculina. O narrador-personagem defini um padrão de mulher para Capitu, ele deseja veicular e empurrar essas impressões no leitor. No 32º capítulo, narra-se sobre os olhos de ressaca de Capitu, lê-se que:

(...) Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me (ASSIS. 2004, p.85 – Cap. 32).

Outra característica marcante sobre Capitu, narrada por Bentinho, é a forma como somente ela consegue o hipnotizar ao passo que, somente ela, consegue não somente seu amor, mas sua total atenção e dedicação. Desde antes do casamento, enquanto ainda trocavam beijos, Bento, descreve que ninguém poderia ter a satisfação que somente ele teve, tanto que é que, após as trocas de beijo, ele descreve “(...) o gosto que isso me deu foi enorme. Colombo não o teve maior, descobrindo a América, e perdoai a banalidade em favor do cabimento...” (ASSIS. 2004, p. 89). Novamente, o leitor é aproximado para compreender quanto de magia essa mulher possui.

Nessa mesma cena, um pouco antes, Assis, usa da ambiguidade narrativa, para mostrar que Capitu, mesmo estando, também, abalada pelo beijo, consegue se

recompor imediatamente, mesmo estando em estado de tepor, tanto quanto Beto, ela possui a capacidade de fingir, de manipular, de mentir e de encobrir verdades. Assim, é narrado:

“(...) ouvimos passos no corredor; (...) Capitu compôs-se depressa, tão depressa que, quando a mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria. (...) Assim, apanhados pela mãe, éramos dois e contrários, ela encobrindo com a palavra o que eu publicava pelo silêncio” (ASSIS. 2004, p. 87-8 – Cap. 34).

Essa narrativa ambígua pode caracterizar Capitu, como uma mulher que sabe enganar, mas também revela uma característica masculina bem marcante – mesmo no século XXI – a mulher como um ser, que independente da situação, sabe sobressair, mas ao mesmo tempo, somente ele pode ver isso nela, essa posse sobre as sensações que a mulher produz, precisam e são, somente dele e somente ele conseguiu sentir isso, narrativa corroborada pela ideia da mulher casar virgem, não trabalhar fora, obedecer o marido, dentre outras questões.

Essas ambiguidades que podemos ler em todo livro continua, quando é narrado:

Naquele tempo, por mais mulheres bonitas que achasse, nenhuma receberia a mínima parte do amor que tinha a Capitu. À minha própria mãe não queria mais que metade. Capitu era tudo e mais que tudo; não vivia nem trabalhava que não fosse pensando nela. Ao teatro íamos juntos; só me lembra que fosse duas vezes sem ela... (ASSIS. 2004, p. 204 – Cap. 113)

A pesquisadora Valéria Centeville (2008) ao estudar esses ciúmes patológico masculino escreve que:

(...) o ciúme patológico (...) afeta a vida afetiva do paciente e seus relacionamentos ficam prejudicados, pois seu sistema de ideias fica perturbado por ilusões e interpretações que destoem a realidade. (...) A paranoia é o transtorno mais comumente associado ao ciúme patológico, constituindo-se de delírios paranoicos sistematizados. (CENTEVILLE, 2008, p. 33)

Essa explicação dada por Centeville (2008) já pode nos aludir a fazer uma troca no tema do livro, considerando a perspectiva contemporânea. Assim, trocaríamos o tema de julgamento de Capitu, pelo julgamento da mente do narrador-personagem Bentinho, compreendendo a grande questão da obra como a incapacidade de Bento de lidar com uma situação que ele mesmo inventa, começando pelos ciúmes, e da

qual não consegue se desvencilhar nem resolver. Esse ciúme patológico, e conseqüentemente toda situação da qual Bentinho se coloca é evidente em toda narrativa, principalmente quando, Centeville (2008) descreve os seguintes traços para esse ciúme “(...) orgulho, desconfiança, rigidez psíquica e falsidade de julgamento” ainda acrescenta que “(...) o delírio do ciúme começa a partir da suspeita da infidelidade do conjugue (...)” (CENTEVILLE, 2008, p. 33).

Posto isso, aqui fez-se inverso da ideia tradicional do livro, tiramos o julgamento da obra na personagem da mulher e a colocamos na mesma medida no homem. Esse preceito realizado aqui, é justamente as ideias do pensamento feminista. Homens e mulheres precisam estar no mesmo patamar social, com os mesmos direitos de escolha, com as mesmas liberdades.

A ambigüidade do ser feminino novamente é mostrada, por dois motivos, o primeiro para evidenciar que ela não é confiável e a segunda para deixar a impressão ao leitor de que uma mulher que toma o homem de assalto, que o surpreende por alguma característica ou atitude negativa e mesmo prejudicial é sempre agressiva e descontrolada.

Voltando-nos a questão propriamente dita da interpretação da personagem a partir do feminismo, Capitu é definitivamente uma mulher a frente de seu tempo, quando na leitura se atenta as características dela, vemos que “as curiosidades de Capitu dão para um Capítulo. Eram de várias espécies, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, umas graves, outras frívolas; gostava de saber tudo” (ASSIS, 2004, p. 53).

Capitu era tão diferentes das outras mulheres de sua época que nada era suficiente para ela, sempre precisava aprender mais, não queria o convencional, como aprender a fazer rendas, mas, aprender latim. Considerando essa percepção de Capitu como uma mulher a frente de seu tempo, pode-se dizer que somente na modernidade Capitu poderia fazer tudo que deseja, como estudar latim.

Bento era um homem fruto do seu tempo também, para ele, tudo em Capitu revela a traição, para ele, tudo justifica sua atitude, para ele quem deve ser julgada é ela, pois todas suas ambigüidades o levam a crer na sua traição, para ele e seu ciúme doentio/patológico a mulher nunca poderia ser como Capitu, livre, bonita, inteligente e sensual. Ela é tudo que se deseja em uma mulher, o que, de fato o atraiu nela, mas

que dentro de sua masculinidade, é o que o afeta e o atrapalha, o que causa sua beira no abismo emocional.

### Considerações Finais

Ao longo deste estudo foi possível demonstrar como as percepções históricas das mulheres foram sendo mudadas e moldadas pelas próprias, de como as questões sociais como prostituição e a dona do lar estão em constante transformação. Nesse sentido, foi possível constatar a historicidade dos movimentos de mulheres e dos movimentos feministas por seus direitos legais. Quando tratamos de um assunto tão diverso e complexo é necessário entendermos as dificuldades em torno desse assunto. É de suma importância para compreendermos o movimento das sociedades.

Percebemos no primeiro capítulo, como a prostituição e o adultério é um tema comum ao ser masculino, mas totalmente proibido as mulheres. Porém, percebemos que, nessa Brasil, sempre existiu dois tipos de mulheres, as brancas de casar e as negras de prostituir. Ambas realidades das mulheres são encontradas no discurso de Machado de Assis na obra Dom Casmurro. Para a mulher tudo era proibido, inclusive, as brancas de casar, jamais poderiam pensar em adultério, pois, a legalidade do adultério era somente para os homens.

Nesse mesmo sentido vimos que, essa separação de tudo é permitido a um e tudo proibido ao outro gênero é uma construção da questão de gênero. Repetindo e perpetuando a famosa frase de Beauvoir “ninguém nasce mulher, torna-se”. Ser mulher passa a ser uma construção social, total do seu oposto, o homem.

É nesse sentido que notamos que Assis, com todo sua eloquência, usa das palavras para mostrar o contexto social que gera debate, críticas, percepções, e assim, usa da camuflagem, de dissimulação para fazer seu leitor ler tudo que não está posto como obvio. Por isso, a obra Dom Casmurro, é atemporal nas questões abordadas, levamos mais de um século para compreender metade dos debates de suas obras, em especial, as envoltas de Capitu e Bentinho.

### Referências

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. Dom Casmurro. Rio de Janeiro: Ediouro; São Paulo: Publifolha, 2004.

ANDRETTA, Pedro Ivo Silveira. O leitor contemporâneo e a obra de Machado de Assis: Uma análise discursiva da crítica amadora em blogs. São Carlos: UFSCar, 2013.

BOSI, Alfredo. Machado de Assis: o enigma do olhar. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Tradução Sérgio Milliet. – 2.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CENTEVILLE, Valéria. Ciúmes patológico masculino: reflexões sob a ótica junguiana. Dissertação de Mestrado, PUC-SP. São Paulo, 2008.

GUEDES, Eunice Figueiredo. Gênero, o que é isso?. Psicol. Cienc. Prof. Vol.15 no.1-3 Brasília 1995.

KARAWAJCZYK, Mônica. Os primórdios do movimento sufragista no Brasil: o feminismo “pátrio” de Leolinda Figueiredo Daltro. Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v. 40, n. 1, p. 64-84, jan.-jun. 2014.

MACIEL JUNIOR, Plínio de Almeida. Torna-se homem: o projeto masculino na perspectiva de gênero. Dissertação de doutorado, PUC-SP. São Paulo, 2006.

MEDEIROS, Fabiana. A Transfiguração Do Estereótipo Feminino Nas Obras Dom Casmurro E Capitu: memórias póstumas. In: Revista SOLETRAS, Ano VII, nº 13. São Gonçalo: UERJ, jan/jun. 2007.

MOISÉS, Massaud. História da Literatura Brasileira. Volume II. Realismo e Simbolismo. São Paulo: Cultrix, 2007.

MOTTA, Giovana Caires. Ao abrigo da dissimulação: a crítica machadiana e ao mundo das aparências. LITERAFRO, 2009.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. História, São Paulo, v.24, N.1, P.77-98, 2005.

PERROT, Michelle. A minha história das mulheres. 2. Ed., 5ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2017.

PERROT, Michelle. As mulheres ou os silêncios da história. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PRIORE, Mary Del. A mulher na história do Brasil. São Paulo, Contexto: 1988.

PRIORE, Mary Del. Histórias e conversas de mulher. 2. Ed. – São Paulo: Planeta, 2017.



PRIORE, Mary Del; PINSKY, Carla Bassanezi. História das mulheres no Brasil. 10<sup>o</sup> ed. 6<sup>a</sup> reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

RAGO, M. Trabalho Feminino e sexualidade. In: PRIORI, M. Del (Org.). História das mulheres no Brasil. 10<sup>o</sup> ed. 6<sup>a</sup> reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018. P. 578 a 606.

SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor batatas: formas literárias e o processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades. 34<sup>a</sup> Ed., 2000. (Coleção Espírito Crítico).

SCHWARZ, Roberto. O sentido histórico da Crueldade em Machado de Assis. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n.º17, pp. 38-44, 1987.

SILVA, Tânia Maria Gomes da. Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil. Politeia: Hist. E Soc. Vitória da Conquista v. 8 n. 1 p. 223-231, 2008.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Diversidade de gênero – mulheres. In: ZENAIDE, Maria de Nazaré; et al. (org.) Educando em direitos humanos: fundamentos culturais. João Pessoa: Editora da UFPB, 2016. P. 55 a 73.

TAVARES, Sônia Prates Adonski. A Evolução da Mulher no Contexto Social e sua Inserção no Mundo do Trabalho. Monografia de apresentado ao Curso de História da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. IJUÍ, 2012.

TIMOTEO, Carolina Quieroti. As transformações do movimento feminista no Brasil e sua relação com a América Latina. GT 7. Feminismos, sexualidades e marxismos na América Latina. 2013.